

Ciclos educativos, reagrupamentos comunicativos

Site, jornal, vídeo e rádio com alunos do ensino fundamental

Nome: Escola Municipal Professora Lúcia Maria Silveira da Rocha

Localização: Bairro de Jurujuba, Niterói, RJ

Ano de fundação: 2005

Número de alunos: 300

Segmentos: Educação Infantil e dois primeiros ciclos da Educação Fundamental

Os barcos pesqueiros espalhados pela areia da pequena praia, as redes de pesca entre árvores e pedras, pescadores se preparando para mais um dia de trabalho no mar, enquanto crianças uniformizadas caminham em direção à Escola Municipal Professora Lúcia Maria Silveira da Rocha. Começa o dia na colônia de pesca de Jurujuba.

A escola existe há pouco tempo, e sua fundação é uma resposta a reivindicações da comunidade em que ela está inserida.

- Aqui a população é muito mobilizada. Eles têm associação de mulheres, de maricultores, de moradores. Pais, mães e toda a população participam das atividades que realizamos - afirma Cláudia Souza, diretora-adjunta.

Na Escola Municipal Lúcia Maria, as crianças confirmam o interesse das novas gerações pelas tecnologias de comunicação. Estudante do segundo ciclo do ensino fundamental, Fabíola Santos, de 10 anos, "adora" a internet.

- Eu pesquiso para os trabalhos da escola, olho as comunidades do Orkut e converso com meus amigos no MSN - diz a menina.

Aluno da mesma turma, Rafael Avendana prefere os jogos.

- Tem mais emoção - diz ele.

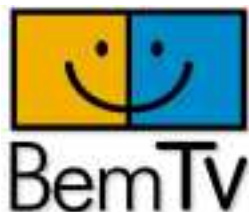
Como explica a diretora-geral, Greice Mara Monteiro, a escola decidiu aproveitar esse interesse na rotina escolar.

- A vida das crianças é completamente diferente da vida de quinze anos atrás. Se a gente não correr, a escola fica pra trás. A gente procurou colocar aqui na escola coisas que eles vêem lá fora: informática, televisão, jornal, rádio - explica Greice.

Para incorporar os meios de comunicação às práticas escolares, em lugar de ignorá-los, foi necessário que diretoras, professoras e orientadoras pedagógicas aprendessem mais sobre essas tecnologias. Com essa intenção, a escola designou a supervisora Cláudia Cavalcante para participar da oficina promovida pelo projeto Educomunicar em 2006. As reflexões de cada aula eram compartilhadas com a equipe durante as reuniões pedagógicas semanais. Além disso, os textos distribuídos na oficina ministrada pela Bem TV eram fotocopiados e disponibilizados na sala dos professores.

A multiplicação do conhecimento gerou várias propostas diferentes de apropriação pedagógica da comunicação. Foi implantada uma rádio escolar e foram produzidos um vídeo e um sítio eletrônico. O jornal semestral que já existia foi reformulado, incorporando a participação dos alunos.

Rua General Osório/49-São Domingos- Niterói - 3604-1500 - www.bemtv.org.br



Hoje, as novas atividades são aplicadas principalmente nas turmas de reagrupamento, que surgiram com a implementação dos ciclos na rede municipal de educação, em que as turmas passam a se organizar por idades e não pelo tempo de escolaridade dos alunos. Dessa forma, as turmas reúnem no mesmo grupo alunos que estão na segunda etapa da alfabetização e outros que ainda iniciam a apropriação da leitura e da escrita. Para apoiar o desenvolvimento dos estudantes, foram organizadas turmas de reagrupamento, que aglutinam as crianças de acordo com interesses específicos ou por nível de desenvolvimento. Na Lúcia Maria, há turmas responsáveis pela rádio, pelo jornal e pelo site.

- No ano passado [2006], tentamos envolver todos os professores nos projetos de comunicação, mas este ano, como a proposta pedagógica se baseia nos reagrupamentos, fizemos a opção de dividir os projetos em equipes. Embora todos participem, temos uma turma e uma professora responsável por cada projeto - conta Cláudia Souza.

Como começar a trabalhar com comunicação? Como enfrentar as dificuldades do cotidiano escolar? Para a diretora geral e para a diretora adjunta, o segredo é ter vontade de fazer, não ter medo de arriscar e procurar parceiros dentro e fora da escola.

Nas ondas da Rádio Criança

Quando descobriu, em 2006, que uma mesa de áudio de quatro canais custava (na época) só 300 reais, a diretora Greice Mara decidiu que a E.M. Lúcia Maria teria uma rádio. Antes do ano acabar, o equipamento estava comprado, com recursos arrecadados durante uma festa junina, e caixas de ovos foram usadas para fazer o isolamento acústico que transformou um pequeno depósito em estúdio.

- Quando começamos a instalação percebemos que havíamos esquecido os cabos de conexão. A gente é leigo, né? Mas a prefeitura financiou o que faltava e complementou a compra das caixas de som para que todas as salas de aula tivessem acesso à rádio – conta Greice. O mais difícil, segundo ela, foi discutir com os professores como a rádio poderia contribuir para o processo de ensino e aprendizagem e, em seguida, ensiná-los a mexer com os equipamentos.

Mais uma vez, a solução foi buscar parceiros. Um acordo com a rádio comunitária Pop Goiaba, de Niterói, desmistificou para os professores a operação das máquinas.

- É do nosso interesse que rádios comunitárias e escolares proliferem no país - conta Daniel Vidal, que ministrou quatro horas de oficina para a equipe do Lúcia Maria.

Na semana seguinte, durante a reunião pedagógica semanal da escola, a Bem TV ajudou os professores a refletir sobre os possíveis usos pedagógicos da rádio.

- Agora percebo várias possibilidades. A rádio pode nos ajudar a trabalhar os conteúdos e é uma ótima ferramenta de incentivo à leitura - diz Karina Gomes, professora responsável pela turma de reagrupamento produtora da rádio. – É difícil, porque é algo novo, mas estamos tentando. As crianças estão fascinadas e agora conversamos sobre o que poderemos produzir aqui na escola.

São crianças de 6 a 10 anos, algumas que já sabem ler e escrever. Foram reunidas no mesmo grupo em função de características comuns.



- Gostam muito de falar, são animadas e se entusiasmaram pela idéia da rádio - explica a diretora-adjunta.

Às terças-feiras, os alunos se reúnem. Entre as 15 e as 16 horas, eles colocam a rádio no ar, e, das 16 às 17 horas, discutem a programação da semana seguinte.

- Atenção, atenção: está no ar a Rádio Criança! - anunciou Júlio César, de 7 anos, no programa de estréia. - Quem está me escutando? - perguntou ao microfone. Nas salas de aula, onde estão instaladas caixas de som, os alunos escutavam o programa, que inclui concurso de piadas, charadas e brincadeiras de “complete a música”.

- Por enquanto a rádio está sendo um espaço para as brincadeiras e jogos, depois pretendemos aprofundar as atividades pedagógicas e envolver os demais professores na ocupação desse espaço - ressalta Karina.

Os alunos gostaram da novidade. Ana Luíza tem 6 anos e faz parte da equipe da Rádio Criança.

- A rádio serve pro pessoal se comunicar, saber das notícias, ouvir músicas – diz.

Antes de terminar a frase, ela é interrompida por Renan, de 7 anos:

- E pra brincar!

- E o que a gente precisa para fazer um programa de rádio? - perguntamos à turma.

Robson, de 10 anos, é rápido na resposta:

-É só não ter vergonha!

O espaço escolar no mundo virtual

Na sala dos professores da E. M. Lúcia Maria um cartaz impresso em papel A4 anuncia: “A Escola Lúcia Maria agora é chique. Tome nota do endereço do nosso site: <http://emplmsr.multiply.com>.” Foi a partir da oficina do projeto Educomunicar que as professoras decidiram criar o sítio eletrônico, utilizando-se de softwares disponíveis na internet que viabilizam a publicação de páginas sem a necessidade de programação.

- A idéia surgiu com a Bem TV, na oficina. Quando a gente viu que não era difícil, explicamos para as professoras e o site foi sendo construído com a ajuda das crianças, como atividade integrada ao planejamento pedagógico - explica Greice.

Na página de abertura, um texto dá informações básicas sobre a instituição, como endereço e data de fundação. Alunos, pais e equipe pedagógica têm acesso ao calendário de eventos e podem visitar o “Álbum de Recordações”, em que fotos antigas e atuais contam a história da escola. Para quem gosta de interatividade, há também o “Livro de Visitantes”, no qual os internautas podem deixar seu recado. O sítio também dá acessos a blogs produzidos pelos estudantes.

“Lê o meu jornal!”: o *Marisco Falante*

Marisco Falante foi o nome escolhido para o jornal da E. M. Lúcia Maria, por meio de votação entre alunos, professores e funcionários. Existem dois números em versão impressa e o terceiro será feito em formato digital.

- A impressão torna o processo mais caro e difícil - explica Greice Mara.



Quando surgiu, o jornal destinava-se à divulgação das ações da escola e era fundamentalmente produzido por professores. A partir da segunda edição, a proposta foi reformulada, incorporando os alunos como autores.

Para iniciar a produção participativa do *Marisco Falante*, os professores desenvolveram atividades específicas, refletindo com as crianças sobre o papel e a linguagem da mídia impressa. Em sala de aula, analisaram diferentes periódicos e definiram os temas a abordar e as seções que o jornal deveria ter.

- Como era fim de ano, falamos sobre o Natal - conta a diretora da escola.

Cada professor fez da produção do jornal um exercício dentro de seu conteúdo programático.

- Uma turma ficou responsável por receitas, outra procurou os diferentes significados do Natal, outra trabalhou sobre a programação das festas - explica Greice, acrescentando que, sabendo que os textos seriam divulgados, as crianças se preocupavam com a qualidade. - Ganhamos um “gancho” para explicar como o processo de comunicação é falho se existem erros na linguagem - diz a diretora.

Cada turma elegeu em sala o texto a ser publicado, que foi encaminhado para a secretaria da escola e digitado. Sem um programa específico de diagramação, os alunos e professores montaram uma espécie de “quebra-cabeça”. Primeiro forraram um jornal no formato tablóide (21 cm x 30 cm) com papel pardo e, por cima, colaram os textos (impressos a partir do computador), as ilustrações e fotografias.

- A gente ia encaixando o material produzido por cada professora e, assim, diagramamos o nosso jornal com tesoura e cola mesmo - descreve Cláudia Souza.

A arte-final foi encaminhada à Secretaria Municipal de Educação, servindo de modelo para que os textos fossem diagramados no computador e enviados à impressão.

A Secretaria de Educação, no entanto, fotocopiou os números do jornal em folhas tamanho A4. De acordo com Adriana Neves, coordenadora de Informática Educativa, seria impossível garantir ao conjunto de unidades de ensino da rede municipal a impressão de um jornal em formato tablóide.

- Se alguma outra escola resolvesse também fazer um jornal, não teríamos como justificar que só a Lúcia Maria poderia imprimir dessa forma - explica Adriana.

Mas, apesar da decepção com a cara final da publicação, quando ela foi distribuída durante a festa de fim de ano da escola, foi possível verificar o quanto essa experiência melhorou a auto-estima da comunidade escolar.

- Os alunos ficaram muito orgulhosos! No dia da festa de encerramento, foram eles que entregaram e divulgaram os jornais: “Lê o meu jornal!”, “Olha o meu jornal!” - conta a diretora da escola.

Histórias de pescador: uma vídeo-entrevista

Depois do sítio eletrônico e do jornal, os alunos da E. M. Lúcia Maria puderam experimentar a linguagem audiovisual. As turmas do terceiro e do quarto ano do ensino fundamental, comandadas pela professora Eliane Vale, produziram um vídeo como conclusão de um trabalho integrado sobre profissões e sobre a comunidade do entorno da escola. Como



essa comunidade é uma colônia de pesca, tornou-se necessário pesquisar o ofício do pescador. Decidiram, então, gravar uma entrevista em vídeo.

Para criar familiaridade com os códigos visuais, o primeiro passo foi envolver as crianças na produção de fotografias. Com câmeras digitais na mão, os alunos fotografaram a colônia de pesca de Jurujuba: árvores, pedras, barcos, ondas do mar. As fotos foram arquivadas nos computadores do laboratório de informática e depois publicadas no sítio eletrônico da escola. A seguir, os alunos elaboram pequenos textos descritivos (legendas) sobre as imagens fotografadas.

Para fazer o vídeo, a professora Eliane e seus alunos discutiram o processo de realização.

- Primeiro, fizemos um roteiro de entrevistas, depois, vimos que seria necessário definirmos uma equipe: cinegrafistas, repórteres, produtores. Para entrevistados, convidamos quatro pescadores da comunidade de Jurujuba, que foram muito simpáticos e interagiram muito bem com as crianças – lembra Elaine.

Apesar da timidez inicial – expressa com risinhos nervosos e falatório –, a reportagem contou com uma equipe concentrada e séria.

- Os alunos se sentiram muito importantes. Quando falamos que iam gravar um vídeo, acharam que ia ser com uma câmera caseira. Quando viram aquele equipamento [câmera mini-DV, luz e microfone] ficaram muito impactados - diz Greice.

O material foi editado na sede da Bem TV, já que nem a escola, nem a Secretaria Municipal de Educação possuem os equipamentos para isso.

- Foi uma limpeza, na verdade. Preservamos ao máximo o que os alunos produziram, retirando apenas “tremidas” da câmera ou falhas mais visíveis do entrevistador, que se saiu muito bem, aliás - conta Daniela Araújo, funcionária da Bem TV que também assessorou o grupo de estudantes no dia da gravação.

A entrevista de cerca de quinze minutos foi exibida na escola, empolgando a platéia formada por alunos, professores e membros da comunidade.

- A escola precisa estar aberta para essas possibilidades de parceria que viabilizam recursos que a princípio não estão ao alcance da escola. Dá trabalho, são culturas institucionais diferentes, mas os resultados são ótimos - afirma Greice.